

BRASIL-PORTUGAL

16 DE AGOSTO DE 1905

N.º 158

EMYGDIO NAVARRO



✠ no Luso a 16-8-905

Está de lucto a imprensa portugueza pelo desaparecimento subito da sua figura primacial. Acaba de morrer no seu chalet do Luso, o sr. conselheiro Emygdio Julio Navarro, antigo deputado, antigo ministro das Obras Publicas, cuja gerencia ficou assignalada por mais de uma medida de alcance, vogal do Tribunal de Contas, membro do Conselho de administração da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, e director do jornal «Novidades» em cujas columnas brilhou durante annos consecutivos a sua prosa mascula.

Emygdio Navarro era um verdadeiro athleta do jornalismo. Polemista ardente e apaixonado, ninguem melhor do que elle soube alliar na sua prosa, á violencia do ataque a elegancia da fórma. Era um jornalista «doublé» de um fino litterato, como o provou nas paginas do unico livro que deixa, intitulado «Quatro dias na Serra da Estrella».

O «Brasil-Portugal» que teve a honra de o contar no numero dos seus collaboradores mais distinctos, desfolha sobre a sua sepultura uma saudade.

CHRONICA

Hespanhoes e portuguezes em casa

Com este titulo publicou uma senhora franceza, Mademoiselle Quillardet, que visitou a Peninsula, um interessante livro. Pondo de parte o que diz de Hespanha, para só fallarmos do que se refere ao nosso paiz, ás nossas cousas e aos nossos habitos, é sempre conveniente deixar aqui registrado que a illustre escriptora viu Portugal rapidamente, e escreve como viajou, a correr. D'ahi muitas inexactidões, algumas observações involuntariamente falsas, mas nas suas paginas ha descripções curiosas que merecem ser conhecidas. Convidamos por isso os leitores do *Brasil Portugal* a um passeio pela ultima parte do livro. Vão encontrar muita cousa, sua conhecida, apreciada por uma senhora estrangeira que prima em nos ser agradável, apesar dos pesares, e é sempre interessante ver como somos apreciados lá fora.

Agradou-lhe o aspecto geral de Lisboa, e escreve:

Antes de tudo, Lisboa é um porto. O Tejo imprime lhe caracter. Como fica bem a Portugal esse largo rio que espalha á sua passagem, a fertilidade e a riqueza! Como elle representa bem a abundancia copiosa do paiz, ao mesmo tempo que o caminho para os paizes longinquos; como elle se parece pouco ao curso d'agua estreito, impetuoso e torrencial do rio em Hespanha, em Toledo por exemplo. E no entanto, torrente impetuosa e braço de mar potente são um só e o mesmo rio, e essa agua que vivifica Portugal sahe do coração da Hespanha.

O Tejo faz não só a riqueza mas a belleza, a poesia de Lisboa pelos innumeraveis pontos de vista, sempre variados, que offerece das alturas, dos terraços, das plata fórmas, das janellas, dos cumes. Ora o avistamos largo, magestoso, ostentando a sua toalha immensa, ora não vemos senão uma cinta estreita, uma fita resplandecente ao sol, tinta de azul, de rosa, de violeta. de mil côres inverosímeis. A's vezes torna-se de uma brancura de prata; depois apparece-nos n'um lago todo violeta, reflectindo os ocasos maravilhosamente matizados, ao passo que a costa illuminada em frente surge toda branca, com as brancas villas de Almada e de Cacilhas e os navios brancos sobre a agua violeta e rosa. As noutes de luar, e mesmo as noutes claras sem lua, tudo, o ceu, o ar e a agua, tornam-se de um azul imaginavel, de um azul profundo, magico como um fogo de bengala ou a côr de um paiz encantado.

Era assim uma noite de primavera, vespera da Paschoa, ao cair da noite, ao sino da ressurreição, enquanto eu de um pequeno jardim na extremidade de um promontorio avançando quasi a pique, contemplava o rio a meus pés. O oeste da cidade destacava-se em silhouette sombria no ponto enlameado; a leste, a terra e a agua tinham esse azulado ethereo. Tudo era silencioso e deserto e os detalhes do jardim desapareciam; apenas uma palmeira se erguia na obscuridade luminosa e na tranquillidade da natureza.

Esta descripção é bem feita. A escriptora conta com colorido e talento o que viu, e percebe-se que a impressão do seu espirito foi boa. Mais adiante falla dos theatros n'este periodo, onde ha uma pequenina e justa ironia ao habito muito nosso de se levar ao theatro as creanças que ás vezes chegam a interromper o espectáculo com a rabugice do somno. Mademoiselle Quillardet não o diz, mas podia dizel-o, porque era uma verdade.

Como em Madrid, adora-se o theatro. Além da espendida opera de S. Carlos, ha um excellente theatro dramatico e uma porção de palcos se cundarios, onde se representam sobretudo traducções, adaptações estrangeiras, porque as peças originaes são raras, e, em musica, não ha mesmo o equivalente da zarzuela. Na Lisboa é pacata, não faz da noite dia; os theatros devem fechar á meia noite e fecham. Será por isso que se vae lá em familia, e se leva até a jovem progenitura? A burguezia leva ao theatro as creanças, muito pequenas, e por vezes os camarotes parecem uma *nursery*.

A nossa illustre visitante diz que em Portugal se come melhor do que em Hespanha, e as pessoas se vestem tambem melhor. E repetindo o que passou já a axioma, o serem os homens mais bonitos que as mulheres, Mademoiselle presta no entanto justiça a estas.

Quanto ás mulheres, a sua reputação de fealdade é muito exagerada. Não teem, em verdade, a belleza regular das hespanholas mas são muito graciosas, com bellos cabelos, bons dentes e sobretudo bonitos olhos. Gaham-se os olhos hespanhoes; preferio os das portuguezas, tão expressivos, tão luminosos e tão doces. Na burguezia, está-se ainda nas *toilettes* carregadas, exóticas. Mas as senhoras da sociedade vestem-se com gosto. O chapéu é usado por toda a gente e a mantilha só se encontra na cabeça de algumas mulheres do povo, e das creadas, mas desfigurada, atada em nó, sobre a capa.

Seguem-se apreciações agradaveis sobre a nossa educação, o nosso accio, e o nosso viver. Refere-se á celebração sem entusiasmo do 1.º de Dezembro, o que é uma verdade, mas vem logo com uma inexactidão dizendo que quando Affonso XIII nos visitou em 1903 os *patriotas* tentaram fazer uma manifestação com essa data, mas que não passou de *ficção*. Ora isto, toda a gente sabe que não aconteceu. Do Minho, e da sua encantadora paisagem faz a escriptora uma brilhante descripção, referindo-se ao pittoresco das romarias populares. Chega ao Porto e escreve:

Aqui, tambem o norte é a região do trabalho de toda a especie, e o Porto a sua capital. E para Lisboa o que Barcelona é para Madrid, um rival. No Porto, como em Barcelona, accusa-se a capital de ser uma vaidosa, uma preguiçosa, uma gastadora, devorando o dinheiro dos que trabalham e se cançam.

Porto é uma linda cidade, em amphitheatro, na margem direita do seu rio. Do outro lado, apparece misturado com a verdura de um bello parque, a sua cathedral de granito no primeiro plano; a leste, as costas verdejantes, os montes cobertos, longinquos cerulos semeados das manchas brancas das aldeias, parecem um fundo de paisagem de Italia. O effeito é soberbo quando se vem do sul e se atravessa o Douro, sobre a ponte do caminho de ferro de um só arco de 352 metros de largo, saltando n'uma altura vertiginosa o rio profundamente escarpado. A ponte de dois andares ligando a cidade com Gaya, o seu bairro commercial da margem esquerda, é igualmente uma maravilha de construcção.

E depois comparando o Porto com a capital continúa:

O Porto não pôde rivalisar com Lisboa em elegancia, mas, em comparação é muito provincia, um pouco camponex mesmo. Não esqueçamos que a região é antes de tudo agricola. Mas a vida de trabalho, o movimento dos negocios suprem vantajosamente a falta de requinte. Ao lado da industria de algodão, outras se desenvolvem, fundições, fabricas de toda a especie, que rechaçaram muitos productos inglezes. Quando a Inglaterra fornecia todos os productos fabricados, havia no Porto uma importante colonia de commerciantes inglezes, como o indica o velho nome da rua dos Inglezes, hoje rua do Infante D. Henrique, que alli nasceu; actualmente a colonia ingleza, sempre importante, negoceia sobretudo em vinho.

Diz-se que aqui a vida é mais desafogada e menos frivola que em Lisboa. As familias abastadas occupam predios inteiros, muitas vezes no meio de bellos jardins. O *home* é talvez mais confortavel, e mais apreciado; em fim, repete um pouco o parallelo entre Madrid e Barcelona. Dirigem-se epigrammas. Para os do Porto, os lisboetas mal comidos, são uns *alfacinhas*; os lisboetas, em resposta, chamam-lhes *tripeiros*.

Do Porto, vamos a Coimbra:

A velha e unica Universidade, Coimbra, conservou senão todas as tradições antigas, pelo menos a antiga decoração. Coimbra é bem a pequena cidade universitaria tal como a comprehendiam outr'ora, tal como ella é ainda na Alemanha, na Inglaterra, e apesar das criticas dirigidas pelos portuguezes esclarecidos, não se pôde deixar de amar a velha cidade pittoresca, animada pela sua juvenil população, poetizada pela encantadora natureza que a rodeia e pelo prestigio das recordações.

Como Lisboa e o Porto, ergue-se em amphitheatro sobre a margem direita e é um rio; é em ponto pequeno a mesma posição que corraem os edificios da Universidade, ao passo que aos pés da cidade corre o Mondego, largo, claro, risonho, rio anão comparado com o Tejo e mesmo com o Douro, mas verdadeiro rio nacional, nascido em Portugal e atravessando a parte mais caracteristica do paiz, banhando uma paisagem pittoresca, que abunda em sitios magnificos.

Em face da cidade, na margem esquerda do Mondego, o mosteiro de Santa Clara que guarda preciosamente o tumulo da rainha Santa Isabel, patrona de Portugal, mulher de Diniz o Lavrador, um dos grandes edificadores do paiz. Mais longe, n'uma propriedade particular, que foi dominio real, erra a sombra de Ignez de Castro á roda da Fonte das Lagrimas que Gamões cantou em versos que todo o portuguez illustrado sabe de côr e que são para o ouvido uma musica.

Mademoiselle Quillardet a respeito da nossa litteratura é que se mostra pouco versada, o que não admira. Cita alguns nomes, os de Garrett, Herculano e Castilho, os poetas João de Deus e Thomaz Ribeiro, e Julio Diniz. A respeito da obra d'este conta o seguinte dialogo travado com um doutor portuguez.

Disse-lhe este: — E' um escriptor muito portuguez.

— Mas acho-o um pouco massador.

— E' muito portuguez, repetiu o doutor, e Mademoiselle não disse mais nada.

Falla tambem de Camillo, Eça de Queiroz, D. Maria Amalia a quem dá o appellido de *Vós de Carvalho* em vez de Vaz, de D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, Marcellino de Mesquita, D. João da Camara, e Anthero de Quenthal, uns nomes consagrados a que já Rattazzi se referia e que todos os outros auctores que se lhe seguiram citam por... impulso adquirido.

Esquecia-nos dizer que Mademoiselle censura os portuguezes por não terem descoberto nada senão o Brasil, as costas d'África e o caminho para a India.

Acha pouco a illustre escriptora!...

O ultimo capitulo do livro é dedicado á mulher. Não vimos reproduzido na integra, mas não podemos deixar de lhe arrancar alguns periodos:

O numero de mulheres casadas é maior do que o dos homens o que pôde parecer estranho á primeira vista, mas não prova de forma alguma que a polygamia reine legalmente; a desigualdade provém de emigração de uma grande quantidade de homens casados. Talvez o casamento contribua alguma coisa para isso; seja como for, quando estes estão longe, no Brasil, esquecem-se por vezes de voltar. Ao portal de uma capella, á borda do mar, encontrei uma mulher, de lagrimas nos olhos, olhando para o oceano:

— Tenho dous, lá longe, disse ella, em resposta á minha pergunta commovida.

— Fobre mãe, exclamei. Mas uma outra mulher atalhou logo:

— Não se trata dos filhos, mas dos dous maridos que partiram para o Brasil e nunca mais voltaram.

Por este dialogo, parece concluir a escriptora que os homens se esquecem das mulheres, quando afinal, essa dupla viuva chorava naturalmente a sua morte, e não o seu esquecimento! Mademoiselle entende que a desmoralisação da familia em Portugal é completa. Como n'isto se engana! O que chamará então Mademoiselle á desmoralisação do seu paiz?

A CANHONEIRA «PATRIA»



Largou ha dias do porto de Loanda e vae em viagem para os portos do Brasil, tendo tocado já na ilha britannica da Ascenção, a bella canhoneira *Patria*, navio de aço, construido a expensas da briosa colonia portugueza n'aquelle grande paiz d'além do Atlantico.

O patriotismo nacional, que se evidenciou sempre muito grande em todos os tempos da nossa assombrosa historia, reveste diversas fórmas segundo as circumstancias da epoca e segundo as modalidades das necessidades do paiz, do impulso civico e dos sagrados destinos diversísimos que todos temos a cumprir perante a historia!

E' assim que nos tempos da fundação da monarchia, esse patriotismo, que mal podia ainda ter esse nome, deu forças aos sequazes lendarios de D. Afonso Henriques, para conquistarem uma a uma ao dominio sarraceno as diversas cidades do paiz, e constituírem este reino que é patria nossa.

E' assim que volvidos alguns centos de annos, e depois de bem firmada e regularizada a nossa autonomia, lançamos vistas para paizes remotos mussulmanos idolatras e pagãos, e resolvemos avassalal-os, movidos menos pela ideia da cobiça, do perdomínio ou da expansão de raça, do que pela generosa ideia de converter ao christianismo e de salvar do obscurantismo os povos que iamos beneficiar com a civilisação!

E' assim finalmente que, depois de volvidos mais alguns centos de annos, depois de não haver mais sobre a superficie do globo um canto de terra que não tivesse sido devassado, depois das varidas convulsões politicas que agitaram o paiz internamente e sobre tudo os seus domínios alem-mar, começou a nossa poderosa raça a expandir-se por esses paizes que desbravára, a colonisal-os e a imprimir-lhes um caracter nacional inconfundível.

A feição do nosso povo, que fôra primitivamente de resolutos conquistadores, que mais tarde tomou o aspecto das grandes navegações e descobrimentos, está actualmente fixada, dando aos portuguezes o typo de colonisadores vigorosos, e de laboriosos e ordeiros operarios do progresso moderno em todos os seus aspectos variadíssimos.

Fundou Portugal o grande imperio do Oriente, levando a espada e a cruz até Calicut, Ormuz, Malaca, China e Japão. D'esse imperio resta hoje apenas Macau, Timor e a India portugueza. Fundou aos dois lados da Africa dois vastissimos paizes, Moçambique e Angola, para quem não raiou ainda completa a fulgurante aurora de uma potente civilisação, mas que vão já dando seguras mostras de transformação economica que os hão de emparelhar com os paizes colonias mais adiantados.

Fundou ainda Portugal no feracissimo sólo americano um paiz que foi um florescentissimo imperio, e que hoje, por evoluções politicas mais ou menos rapidas, constitue os Estados Unidos do Brasil, sob fórma republicana, mas conservando, apesar d'isso, com a velha metropole as grandes afinidades de raça, de idioma, de costumes, e de historia commum que em grande parte confundem estas duas nacionalidades irmãs!

Esse grande paiz d'além do Atlantico, onde todos temos parentes mais ou menos proximos, ou pelo menos amigos, é a nossa maior gloria de colonisadores, é um grande exemplo que demonstra não estar extincta a nossa virilidade, e é um ensinamento que podemos apresentar para mostrar quanto vale em todo o sentido este pequeno povo de infatigaveis trabalhadores, e como facilmente elle se adapta ás variadas condições de climas, aos arduos labores de desbravamento de sertões novos e adustos, e como tem ido suavemente e sem desnecessarias violencias, enraizando lá tão longe as suas robustas qualidades inexcelsíveis.

Dizemos mais: o portuguez que na patria pôde ser egoísta, indifferente aos males d'ella, pessimista e inutil, depois de collocado no Brasil e em geral em outros paizes, principalmente americanos, adquire poderosas facultades de trabalho, uma admiravel cohesão, a grande noção do altruismo mais elevado, tendendo todas estas nobres qualidades para estimular-lhe o patriotismo que vem por fim a assumir proporções de uma vibrante robustez que excede a de qualquer outro povo.

A colonia portugueza no Brasil, que é ainda a mais numerosa, e a que mais facilmente se affaz áquelle paiz, é de todas as estrangeiras que povoam aquella parte da America a que mais viva conserva a sua individualidade, aquella onde mais acrisolado se apura o amor pelo torrão natal, a que mais pôe em evidencia as suas altissimas qualidades de união patriótica, de beneficencia, de generosidade e amparo para com os infelizes, de diffusão da instrução, e finalmente aquella que mais nobre e exemplarmente desempenha o seu grande papel civilizador perante a historia dos povos modernos.

Quem nunca visitou o Brasil não pôde fazer ideia do que é a cohesão vigorosa da nossa colonia, exemplificada em sumptuosos hospitales de beneficencia, em escolas e lyceus, em gabinetes de leitura, em asylos, em periodicos e em todas as exuberantes efflorescencias de um genio

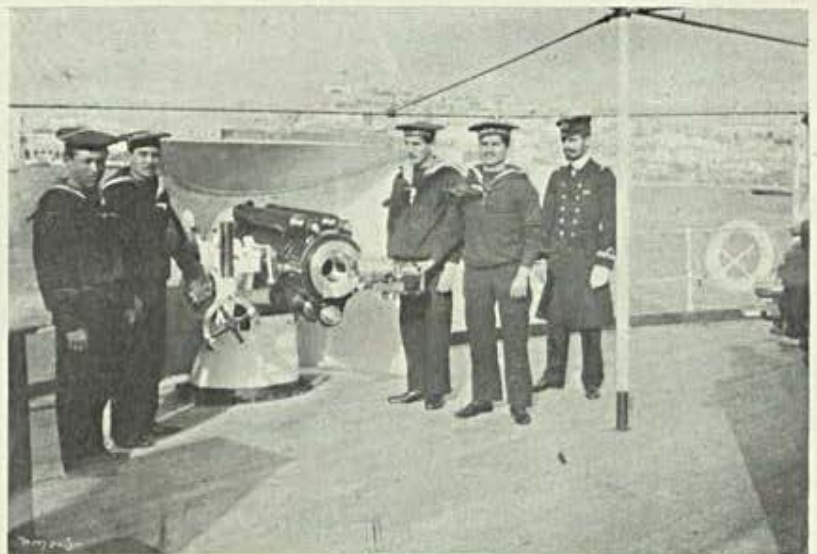
audaz, intelligente, intrepido e grande dirigido por homens de iniciativa e de grande amor da patria e da humanidade.

Para dignamente commemorar um grande acontecimento da nossa historia, quiz a honrada colonia portugueza cotisar-se para adquirir um vaso de guerra que offerecesse ao governo, e que concorresse, do seu modesto ponto de vista, para a manutenção do brilho nacional na sua conveniente altura, e sobretudo para a defeza dos interesses das nossas colonias.

Com o producto da grande subscrição iniciada, foi mandado construir um navio de guerra planeado e executado no nosso Arsenal de Marinha de Lisboa. Esse barquinho, que não tem infelizmente as dimensões e o poderio que deveria corresponder ao seu nome, esse barquinho que não representa a realisação completa das aspirações patrióticas da colonia, é contudo um navio muito harmonico, dotado com os mais modernos aperfeiçoamentos, poderosamente armado, com excellentes alojamentos para officias e guarnição, com grande velocidade, e muito digno de figurar entre os navios de typo identico de qualquer outro paiz. Não é um couraçado, nem um cruzador de primeira ordem, nem o podia ser, tendo-se em attenção os modestos recursos da subscrição, mas é uma magnifica canhoneira que ha-de briosamente honrar o nome portuguez em qualquer parte.

Se os nossos patriotas do Brasil esperam um navio muito grande e poderoso, terão sem duvida uma decepção vendo apparecer a *Patria*; mas se se lembrarem das sommas que foram arrecadadas, não podem deixar de ficar satisfeitos vendo apparecer nos portos brasileiros aquelle pequenino bocicado da patria portugueza, sobre o qual tremula impavido o sagrado e altivo pendão das quinas!

E é preciso dizer ainda uma coisa: a gerencia dos fundos da subscrição foi tão cuidada, e a economia no Arsenal tão severa, que ficou ainda um certo saldo, que está sendo applicado á construcção de uma lanca-canhoneira a vapor e de rodas, destinada á fiscalização internacional das aguas do rio Minho, nossa fronteira septentrional com a Hespanha. Essa lanca-canhoneira que foi chamada *Infante D. Manuel*, nome do mais novo dos principes portuguezes e do mais moderno dos



A guarnição de uma das peças da canhoneira «Patria» commandada pelo 2.º tenente Conde de Arnoso (João)

aspirantes da nossa marinha, deve ser lançada á agua em outubro do anno corrente.

Desejamos que a *Patria* tenha uma prospera e rapida viagem até ao Brasil, e que ali cause na nossa patriótica colonia, a quem vae mostrar-se, uma boa impressão; o que é indispensavel é que a colonia saiba encerrar o modesto barquinho do conveniente ponto de vista.

Não terminaremos este artigo sem tecer aos senhores subscriptores os elogios que merecem pelo relevante serviço que prestaram a Portugal. E como entre elles occupam um logar distincto os que constituíram a commissão executiva, não podemos deixar de inserir n'esta pagina da nossa revista os nomes d'esses benemeritos cidadãos. São elles:

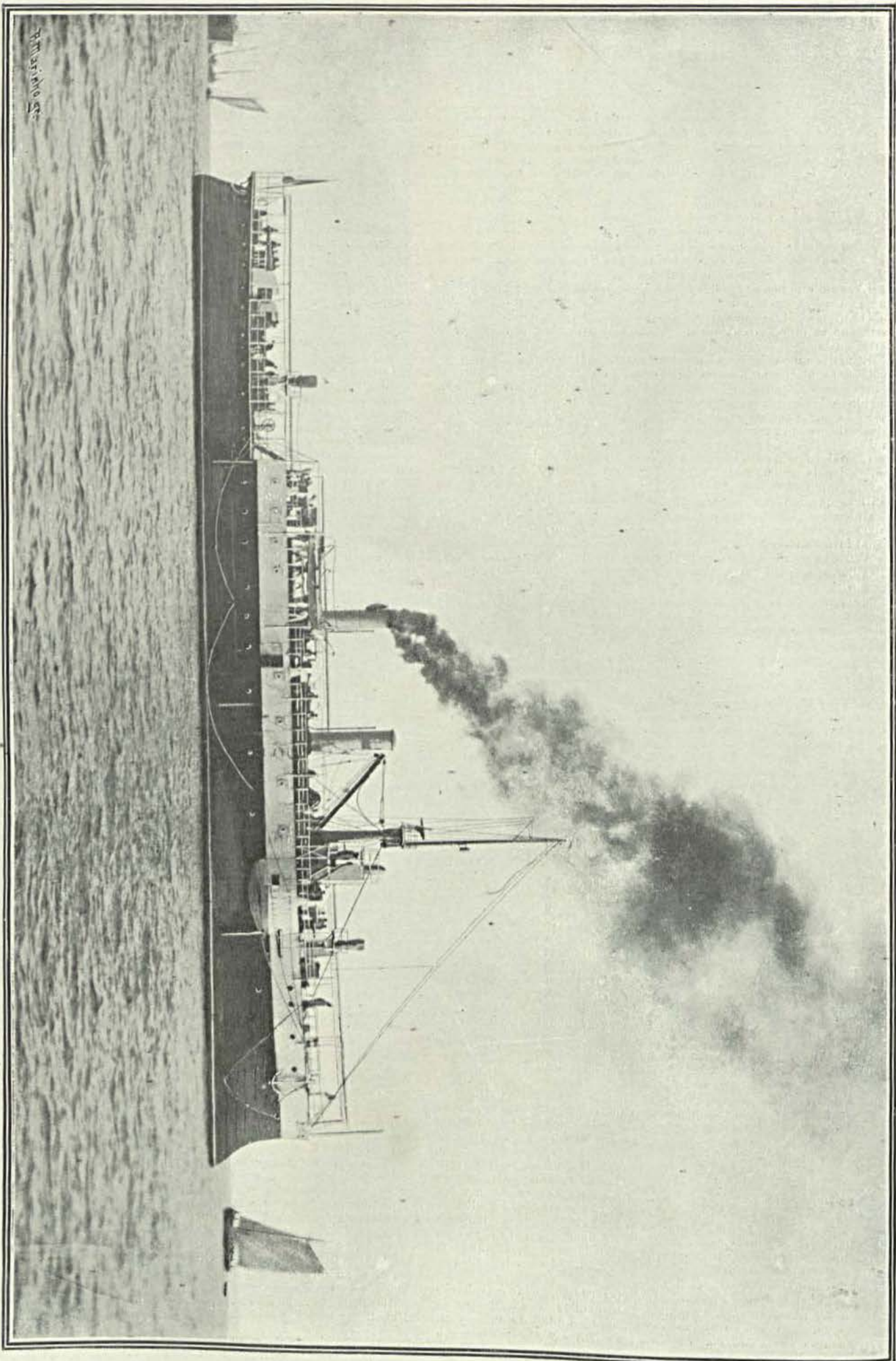
O sr. conde de Avellar, presidente da commissão executiva;

O sr. conde de Agrolongo, thesoureiro; e

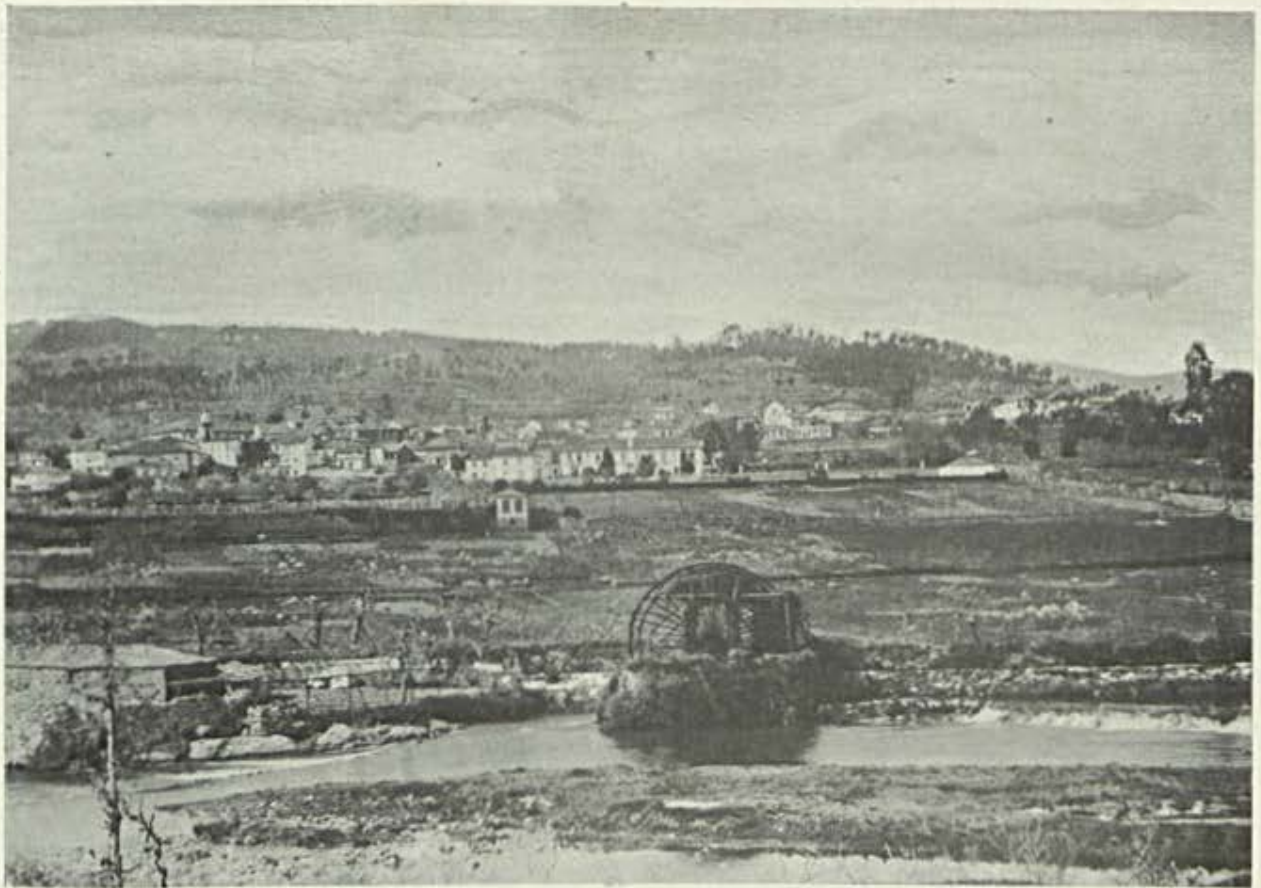
O sr. visconde de Castro Guidão, secretario.

E o auctor d'estas linhas, que tem tido a honra de representar a commissão em Lisboa, envia cá do seu obscuro retiro um fraternal e entusiastico brado de saudação aos honrados patriotas residentes no Brasil.

AUGUSTO DE CASTILHO.



A canhoneira "Patria"
Construída por subscrição da colónia portuguesa no Brasil



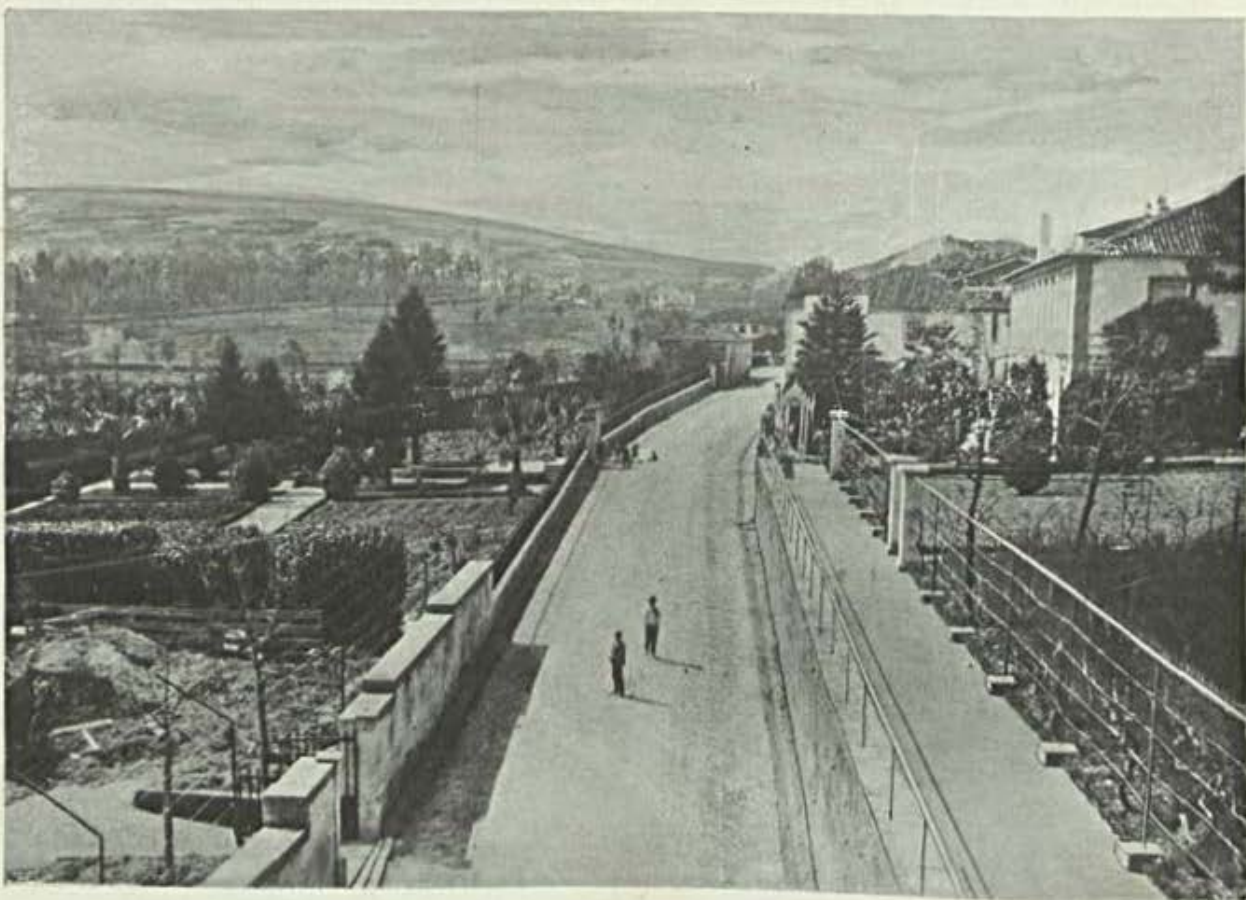
S. Pedro do Sul. — *Vista principal, tirada do fundo da Quinta da Pedreira*



S. Pedro do Sul. — *Vista geral, tirada de outro ponto da mesma quinta*



S. Pedro do Sul. — Casa e jardim, propriedade do sr. Antonio Candido Moniz



S. Pedro do Sul. — Outra vista da mesma casa e jardins anexos

Uma acção naval

EM 1847 cruzava na costa do norte de Portugal, para proteger as operações das tropas cartistas e bloquear os portos d'aquella costa uma esquadra sob o commando do capitão de fragata Soares Franco, que era tambem o commandante da fragata *D. Maria*.

Na manhã de 23 de maio estavam esta fragata e o brigue *Douro*, á vista do Porto, demorando-lhes a barra a lea-nordeste. Navegavam os dois navios de bolina com todo o panno largo.

A manhã estava clara e serena, o mar plano, apenas uma fraquissima aragem de noroeste frisava por vezes a superficie das aguas, sem contudo dar andamento aos navios que mal podiam governar.

A's oito horas as vigias da fragata deram parte que desciam ao rio tres vapores e uma corveta. Eram o *Mindello*, o *Royal-Tar*, que depois se chamou *Jafante D. Luiz*, e o *Porto*, cujo naufragio na barra do Douro ainda hoje nos faz estremecer de horror.

Rebocada por um dos vapores vinha a corveta *Oito de Julho*; mas como fóra da barra não houvesse vento, e os vapores-quisessem manobrar livremente, sem se preoccuparem com um navio que decerto os teria embaraçado, ficou a corveta fundeada acima da Cruz de Ferro.

Era geral a ansiedade por ver o resultado da lucta em que se ia talvez jogar a sorte das duas causas, empenhando-se no combate navios de diversas grandezas e systemas diversos. Commentava cada um ao sabor das suas ideias politicas a batalha que se ia fazer. Em quanto uns contavam com a disciplina das guarnições dos navios da Rainha e com a bravura do seu chefe, inclinavam-se outros para as vantagens que tinham sobre aquelles os navios da junta por serem movidos a vapor, por terem artilheria de mais grosso calibre, e por serem commandados por um official, reconhecidamente atrevido e audaz.

A's oito horas e meia estavam os vapores fóra da barra; mas em vez de se dirigirem immediatamente para a fragata, seguiram costeando a terra do norte até Mattosinhos. Só uma hora depois deitaram para o sudoeste e vieram procurar a fragata e o brigue.

Logo que de bordo d'aquelle navio se avistaram os vapores ordenou Soares Franco ao brigue que atravessasse e ficasse em gavias. A fragata diminuiu tambem de panno e conservou sempre o brigue, já mareado, a curtissima distancia. Os dois navios estavam prontos para combater.

Approximaram-se os vapores fazendo fogo sobre os navios da rainha; mas nem as balas dos rodizes da *Mindello*, nem a artilheria do *Royal Tar* de calibre superior á da fragata fizeram vacillar as guarnições dos navios que Soares Franco commandava e que pelo contrario recebiam os vapores lançando foguetes e dando vivas á rainha.

Dirigiam-se os vapores para a popa da fragata, mas ao approximarem-se, o *Royal Tar* e o *Porto* foram recebidos por dois canhões obuzes de 32, que montados como guardas leme, se desmascaram no momento em que elles contavam enfiar a fragata com fogo de coxia. Pouco depois a fragata ponde governar em razão de ter refrescado ligeiramente a aragem, e orçando deu a banda aos vapores fazendo-lhes fogo por brigadas, e causando-lhes algumas avarias.

Seguiram os vapores para a prúa com o fim de atacarem o brigue, separando-o da fragata.

Percebeu-lhes Soares Franco o intento e ordenou immediatamente ao brigue que arribasse, arribando tambem a fragata e offerecendo de novo o travez aos vapores, continuou sobre elles o fogo com toda a elevação, porque era curto o alcance da sua artilheria e já se distanciavam os vapores caminhando lentamente ao rumo de nordeste.

Difficilmente obedeciam á manobra a fragata e o brigue por ser, como ficou dito, fraquissima a aragem; mas cerca do meio dia, refrescando um pouco mais, os dois navios com seu panno enfundado podiam já governar e manobrar. O vapor *Porto* deitou entao ao rumo de norte, seguindo-se-lhe o *Royal Tar* e o *Mindello*.

Estava terminado o combate conservando-se porém os vapores á vista por barlavento, e muito distanciados, até que ás quatro horas da tarde demandaram a barra. Não tendo podido vencer a fragata quando as circumstancias lhes eram favoráveis menoa a venceriam quando ella pudesse obedecer promptamente á manobra.

Fôra vivo o fogo de parte a parte cruzando-se as balas por entre as mastreações e causando avarias nos aparelhos. Uma bala passou junto do logar que Soares Franco occupava durante o combate, no momento em que elle se affastára para dar uma ordem.

Se nos vapores houvesse bons artilheiros, é provavel que os dois navios de vela tivessem importantes avarias e as suas guarnições muitas baixas; mas as tripulações dos vapores eram ao que parece muito heterogeneas, nem de outro modo se explica o não terem elles aproveitado todas as vantagens que lhes du-

vam o motor, a artilheria que montavam, a melhor que então se conhecia, e as favoráveis circumstancias da calma, que tirava aos navios de vela um dos grandes elementos de combate, a facilidade de movimentos.

Se o vento soprasse um pouco mais fresco, ou antes se houvesse vento, é provavel que os vapores não tivessem sahido a barra, ou se tal fizessem, que Soares Franco tivesse aborçado um d'elles.

N'este combate estavam em presença dois elementos navaes diferentes ou melhor diremos das diferentes marinhas.

Uma pertencia ao passado, era a representante de antigas e gloriosas tradições; a outra apenas nascida vinha transformar os preceitos e as regras da velha tactica naval. Em presença dos antigos navios de vela com as suas curvas coronadas, estavam os navios de vapor armados de canhões obuzes de calibre relativamente grande. Mas nem sempre os mais novos elementos de combate dão os melhores resultados na acção. A pouca confiança que inspiram emquanto o tempo e a experiencia os não tornam perfeitamente conhecidos, fazem nascer hesitações e receios por vezes infundados. Outras vezes encontram a oppôr-se-lhes a energia de um homem de provado valor militar. — Em Molle, Farragut, commandando alguns mas poucos navios de madeira forçou a entrada, apesar de defendida por tropedros e por dois navios coraçados. Além de que se os vapores de rodas tinham a grandissima vantagem de poderem vencer uma antiga nau de linha, arriçavam-se tambem, se uma bala lhes causava avaria nas rodas, a ficarem inactivos, á mercê dos inimigos, e para usarmos da phrase de Luller, como Polyphemus sujeito aos insultos dos mais insignificantes insectos.

Estas preoccupações tinham-as por certo os officiaes que commandavam os vapores da junta do Porto, e isto dizemos sem por fórma alguma pormos em divida a sua bravura.

Não era a morte que os fazia hesitar, era o receio de verem inutilizados os navios em que contavam transportar para Setubal a expedição, que se bateu depois no Alto de Vizo.

Mas se fazemos a devida justiça aos tripulantes dos vapores que a junta do Porto tinha ao seu serviço, não podemos deixar de a fazer tambem aos officiaes da fragata *D. Maria* e do brigue *Douro* e principalmente ao capitão de fragata Soares Franco, que apesar de reconhecer as vantagens que os vapores podiam ter sobre os navios que elle commandava, com animo resolute se preparou para a acção e soube communciar a sua coragem aquelles que commandava. Não evitou o combate; antes o provocou.

Que Soares Franco era intrepido e bravo como poucos attestam-n'o os seus feitos militares desde a Terceira até ao Porto; ao Rio da Prata e a Ostende.

PEDRO DIZZI.

S. Pedro do Sul

Não é intuito meu fazer uma longa noticia historica da formosa e preconizada villa beirã, de que esta revista apresenta hoje quatro gravuras.

Tal noticia não caberia no espaço de que é licito dispôr, e destoaria da indole da propria revista.

Tampouco possivel é descrever com minuciosidade ou mesmo a traços ligeiros, tudo o que de apreciavel encerra tão formosa terra, a que a natureza predigalisou os maiores encantos, com ardores em que vastas veigas apresentam admiraveis nuances, emolduradas nos montes de Alafão, da Numa e da Arada.

Ainda menos se poderá alludir ás pessoas que nasceram, viveram e vivem n'esta formosa região, tornando-a conhecida pelos seus feitos de armas, de sciencia e de altruismo.

Resumir-me-hei, como o caso requer, a referir aos que não conhecem a terra, que é ella situada n'um dos mais encantadores pedaços da Beira, no prodigioso Valle de Lafões, offerecendo aos *touristes* sempre motivos para admirarem o bello, estudarem costumes, profundarem conhecimentos historicos e heraldicos, e se extasiarem ante deslumbrantes payagens.

Em todos os generos de cultura do bello encontram elles — os *touristes* — larga esphera para exercerem a sua acção e observação.

Portanto, muito havia que dizer d'essas terras que o mouro Alafão dominou, Guerto Ausuru tornou theatro das suas cavalleiresas façanhas, e onde cada predio, cada fonte, cada arvore secular é documento precioso em que se baseia uma das muitas e curiosas lendas, que a tradição, atravez os tempos, desde os mais remotos, até aos da Cavallaria, e desde ahí até nossos dias, tem trazido, de geração em geração.

Mas... as gravuras que hoje illustram esta revista, representam a villa de S. Pedro do Sul, tal qual ella é, sem favor photographico, com toda a louçania, e se nos apresenta, quando através da estrada de Vizeu, deixamos a Commenda, e como que n'uma mudança rapida de scenario succede, descemos da volta da Pedreira para a Ponte, sem sabermos se devemos espraia a vista contemplando as margens do Vouga, do Sul e do Trouce que alli, na ponte de S. Bartholomeu, se reúnem, perdendo os dois ultimos o nome como tributarios do que os absorve, e segue, Vouga sempre, até á ria de Aveiro, para tambem perder a denominação, porque o Atlantico, na lusa Veneza, o absorve por seu turno; se devemos espraia-a pelo magestoso quadro natural, que é como que um magico panorama, emoldurado pelos montes de Alafão, da Numa e da Arada.

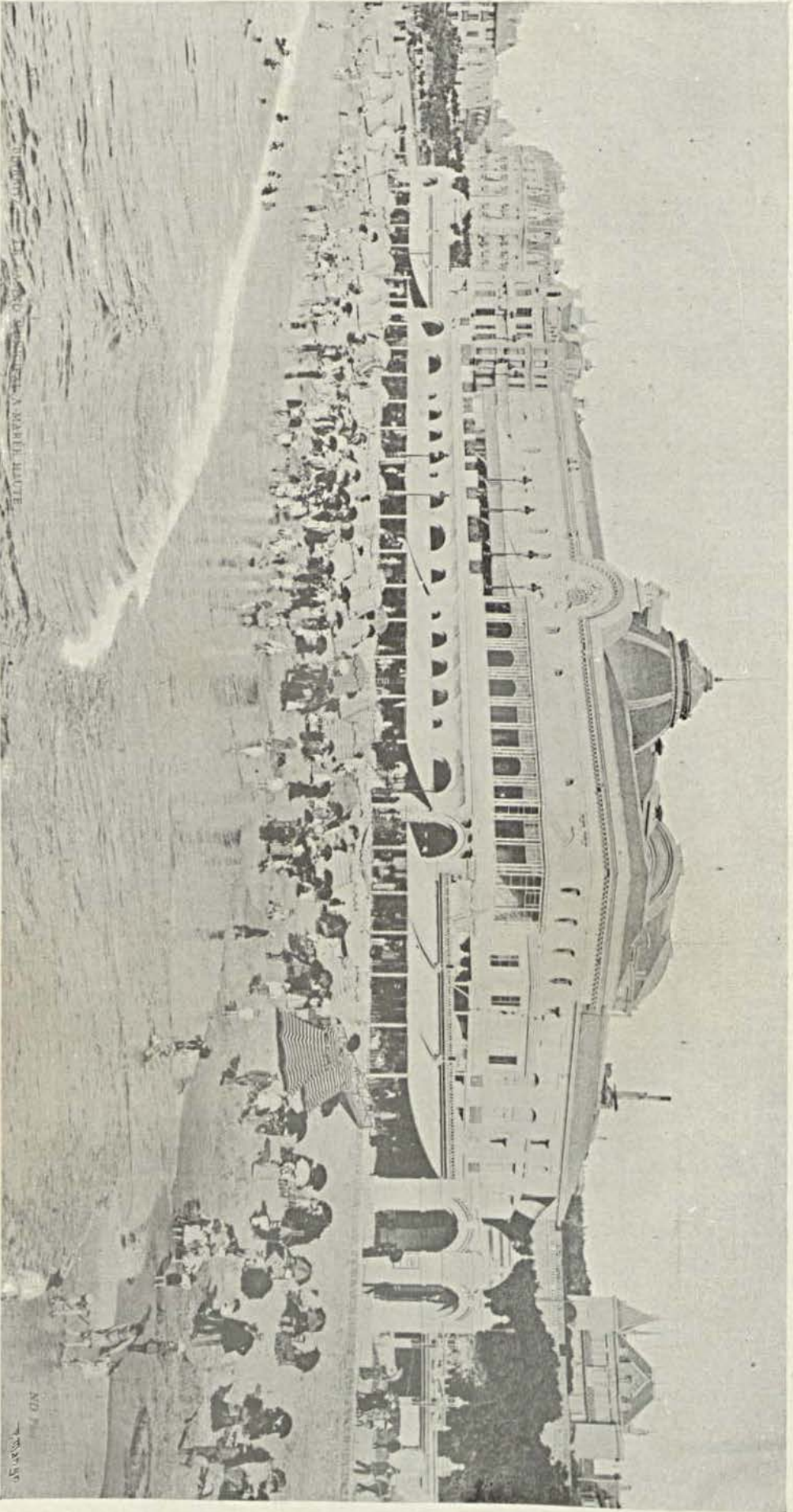
E para que o nosso leitor, que desconhece a terra e tão amenos e deliciosos sitios, possa avaliar das bellezas que a Natureza a uma e outros dispensou, encontra nas gravuras de hoje o bastante para idealisar quanto deve ser encantadora esta mesma terra e suas cercanias, se, seguindo da Pedreira, estrada adiante, atravessando a Ponte, depára, trepando á Caldeirão, com os formosos jardins e bem situada, encantadora e confortabilissima vivenda de um dos mais ricos, mas nem por isso menos estimaveis cavalleiros de Lafões — o sr. Antonio Cardoso Moniz — descendente e representante d'uma das mais illustres familias são-gudoenses.

JUSTINO GASPAR.



Cliché de A. Lima.

A festa dos tableiros em Thomar



Aspecto geral da praia de Biarritz — FRÂNÇA

Duas praias vizinhas



O infante D. Fernando de Huespanha

† no palacio Miramar em San Sebastian, a 4-8-1905

Vizinhas do pé da porta, apesar da separação das fronteiras, San Sebastian e Biarritz, separadas por duas horas e meia de comboio, devido ás formalidades aduaneiras, a praia elegante do norte de Hespanha e a praia chic do sul da França miram-se e remiram-se coquettas e aludadas nas aguas nem sempre calmas do Oceano, vaidosas uma e outra da sua situação invejavel. Biarritz é mais pequena, mas é mais internacional; San Sebastian é maior mas é mais nacional, porque enfim enquanto aquella foi feita expressamente para atrahir o estrangeiro, esta fez-se aproveitando as condições de uma das mais bonitas cidades da Hespanha, a capital da provincia vasconça do Quipozcoa.

A praia hespanhola tem uma lindissima situação n'uma quasi ilha do golpho de Gasconha. Vasta, toda de areia, fórma como que uma bahia um pouco liberta das furias do mar que se quebram á sua entrada, e a cidade toda moderna construída em ruas largas, espaçosas e directas, estende-se aos pés do monte Orgullo que a domina e que corôa o velho castello de Mota. Biarritz que fica mais ao pé do Oceano, é ao lado d'ella tão pequena, que custa a crer como lá cabe tanta gente a tomar banho. A tomar banho! Ali está uma ideia que não é positivamente a que domina todo o frequentador de Biarritz. Tomar banho é o que menos lá se faz, bem entendido banho do mar. Quem vai para Biarritz vai para gosar, para se divertir, para ver gente e a concorrência cosmopolita que ali afflue é o supremo atractivo do visitante. Mulheres de todo o mundo ali vão dar, como depois passam para Monte-Carlo, para Ostende, como iam d'antes para Spá que hoje bate já em decadencia, por causa da prohibição do jogo e amanhã vão para qualquer outra parte, perto ou longe, onde o azar bata as azas, seduzindo com os seus vae vens!

Em San Sebastian joga-se tambem e ainda mais forte que em Biarritz, mas na praia hespanhola o casino não é tão accessivel como em Biarritz, onde se paga um franco para visitar as salas e se póde entrar nas salas de jogo, provando apenas a sua identidade. Em San Sebastian já é preciso apresentação, já os olhos dos jogadores e dos mirones nos preseguem com certa curiosidade, já se sente que estamos n'um paiz da

península com os mesmos defeitos e as mesmas difficuldades que a todo o passo se levantam entre nós.

É necessario passar os Pyreneus, entrar na fronteira da França, para se sentir a gente bem á vontade. Quando se entra em Hendaya, tem-se a sensação de que se entra em casa de um sujeito habituado a ter muitas visitas. Não tentamos indagar das qualidades do dono da casa, contentamo nos em constatar que elle recebe muito bem. Ora é isto o que não succede positivamente em qualquer sitio da Hespanha e muito menos do nosso paiz onde as difficuldades e as contrariedades surgem debaixo dos pés.

Dois casos typicos a constatarem e a confirmarem o que avançamos. A' sahida de Paris, tendo entregue duas senhas para despacho, um compatriota nosso recebeu um pequeno talão com o peso. Ignorante das



San Sebastian — Crianças na praia

formalidades, como o peso era inferior aquelle a que tinha direito como passageiro, e nada havia portanto a pagar, metten a nota dentro da sua carteira e embarcou. Só no caminho, lendo por acaso os dizeres do talão percebeu que lhe faltára fazer o despacho, isto é receber um novo talão contra a apresentação do seu bilhete de passagem.

— Lá ficaram as malas! pensou.

Ao chegar a Bordeus, procurou o chefe da estação, contou-lhe o que se passára. As malas tinham vindo e lá estavam no fourgon, e o chefe da estação mandou-l'as entregar logo, contra o verbete do peso, quer



San Sebastian — A igreja de Santa Maria



San Sebastian — O ayuntamiento (Municipalidade)

dizer, facilitou-se ao passageiro que por ignorancia não cumprira todos os seus deveres, á sabida, a entrega das malas que lhe fariam muita falta e que em qualquer outro paiz não teriam seguido viagem. Isto faz-se apenas em França, como apenas se entrega o casaco, de que se



San Sebastian — Villa Alta, residencia de Paulo Deroulide

perdeu a senha, depois de um jantar ou de um baile em casa de quem está muito habituado a receber visitas e a receber as bem.

Querem agora o contraste mais frisante d'esta facilidade franceza, de uma comodidade rara, e a que se fica reconhecido para toda a vida? Querem um exemplo curioso da mais interessante aventura que pôe succeder a um viajante em Portugal? Querem a tolice transformada em lei, e o absurdo em formalidade? Pois vão tel-o. Ao que parece, a Companhia Real que ha annos é dirigida por estrangeiros procura por todas as formas tornar facéis as viagens no nosso paiz. Entre outras commodidades, estabeleceu bilhetes reduzidos para familias. Uma familia composta de seis pessoas, quer ver o paiz, vae lá, paga uma certa somma e recebe um bilhete collectivo para seis pessoas. Essas viagens são baratas e são commodas. Succede porém que no meio da viagem, um dos seis passageiros fatiga-se, adocece ou não chega a tempo do comboio. A familia composta de cinco pessoas vae para embarcar.

— Falta um, diz-lhe o empregado.

— Um quê?

— Um passageiro.

— Ah! Sim! decidi não continuar.

— Ah! mas então este bilhete não serve.

— Essa agora, não serve porquê?

— Não serve porque o bilhete é para seis pessoas e não voem senão cinco.

Estão vendo o ridiculo da scena! Mas o mais curioso é que a familia teve de ir convidar um sujeito de terceira classe que estava para comprar bilhete, a acompanhá-la, para poder seguir viagem. Assim, entraram os seis com o bilhete familiar, mas a companhia deixou de vender o bilhete de terceira classe ao novo passageiro!

E' por isto que Biarritz apesar de não ter côrte, de não haver tropa,



San Sebastian — Vista tomada do caminho de Ayete

nem castellos, nem villas tão aristocraticas e tão bonitas como se encontram em San Sebastian, ha-de sempre levar a palma a esta. A França tem este condão especial de saber aproveitar o melhor que pôde as coisas ás vezes mais insignificantes. Biarritz foi transformada em praia de prazer, onde ninguem se importa com os outros, onde affluem gentes de todos os paizes e mulheres de todos os feitios que dão com o luxo das suas toilettes e com o encanto da sua elegancia, um perfume especial áquella vida tão alegre, decorrida entre um gelado e uma roleta,



San Sebastian — Crianças brincando na praia

entre um banho e uma ceia. Bayonne fez-se com Biarritz e ali se recolhem as familias pacatas que não jogam, mas que vão de manhã para a praia voltando de lá á noute no pequeno carro a vapor, especie de Larmanjat, vulgarmente conhecido pelo B. a B. As tres iniciaes indicam o percurso do carro. Vae de Bayonne a Biarritz, vem de Biarritz a Bayonne... Por isso lhe chamam o B. a B...

Em San Sebastian a praia não está assim isolada. Fica ao pé da cidade, a dous passos da municipalidade, do palacio provincial, de todas as dependencias administrativas que nos recordam a vida de trabalho e de impostos. Passa uma carruagem e sabe-se logo quem vae dentro. Entra-se n'um café e conhece se quem lá está. Almoça-se n'um hotel, e encontramos rodeado de diplomatas, de políticos, de funcionarios.



San Sebastian — O palacio de Miramar — Habitação da Família Real hespanhola

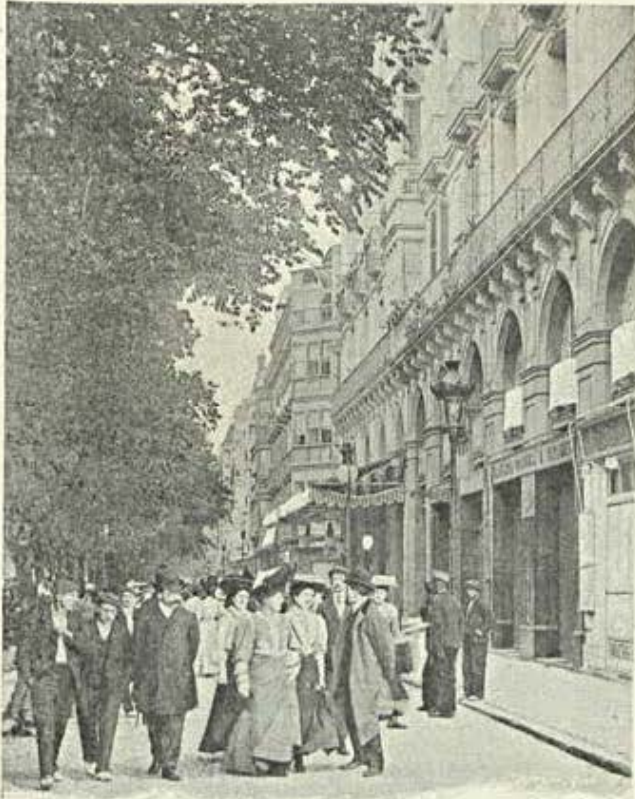
Em Biarritz não. O forasteiro ali deixa na *vestiaire* do casino a sua qualidade buroeratica, esquece o exercicio das suas funções, para ser apenas um sujeito como todos, que joga se tem dinheiro, passeia se não tem, janta bem ou mal como entende, ouve musica de graça, vê tomar banho sem gastar um sou, e admira as mulheres sem que ellas se zanguem com os seus olhares observadores. Na praia hespanhola ha senadores, banqueiros, marquezes; todos se conhecem, todos conversam, todos se cumprimentam, enquanto na praia franceza não ha senão forasteiros que é ainda a unica população capaz de desenvolver, de alegrar, de dar tom a uma praia, a uma therma, ou a uma estação de inverno.

A vida de Biarritz está mais concentrada e por isso mesmo maior é a animação. Uma encosta habilmente aproveitada, onde cada hotel é um *belvedere*, dominando o mar, respirando-se a largos pulmões a fresca brisa do Oceano que de quando em quando rugo bravo, n'um espectáculo grandioso e tambem gratuito.

San Sebastian é uma cidade moderna, com esplendidos edificios, lindas avenidas, e lojas grandes e chics. Foi as principaes avenidas que ha dias vimos atravessar um cortejo simples mas imponente, conduzindo dentro de um *landau* transformado em jardim, o corpinho debil e frio de uma creancinha de dous annos e meio...

Almoçavamos no Hotel Continental cujo terraço domina a praia. Era hora e meia da tarde e de manhã haviam cahido fortes aguaceiros. A um dado momento a turba multa que comia e bebia levantou-se e correu ao terraço. Ouviam-se ao longe o toque de trombetas e o troar de artilharia. Surgiam á nossa vista, abrindo o prestito, um pi-

quete da Escolta Real, com os seus capacetes brancos. Seguia-se a pé todo o clero parochial, o landau funebre puxado a duas parelhas e ladeado por officiaes do paço e grandes de Hespanha. Atraz, as auctoridades, com o presidente do conselho e o ministro de semana; outro landau com as corôas, e por fim um piquete da guarda civil. Os regimentos de infantaria guarneciam as ruas do prestito que ao chegar á ponte de Maria Christina foi mimoseado com um forte aguaceiro. Na gare, a



San Sebastian — O boulevard

aglomeração de gente era enorme, e duas bandas de musica executaram o hymno real, ao dar entrada no fourgon que o conduziu até ao Esecorial, o pequenino caixão do infante de Hespanha. Apenas tres pessoas o acompanhavam: o Duque de Sottomayor, e dous officiaes, ajudantes do infante Carlos de Bourbon, pae do pequenito.

Nas estações do percurso muita gente accorreu á passagem do comboio. Nada viram. O fourgon fechado lá ia ao pé da machina galgando leguas e leguas, na velocidade do vapor, como se houvesse pressa em levar até junto do corpo enregelado da pobre mãe, o eadaver de um dos seus filhinhos, morto nove mezes depois d'ella.

Não foi feliz o infante D. Carlos. Em menos de um anno perdeu em pleno vigor da mocidade, a esposa, e logo depois o infante Fernando, o segundo dos tres filhos que ella lhe havia deixado...

JOÃO COSTA.

A mais bella mulher da Russia

No primeiro dia em que Isabel soube do desterro de Subin, fechou se no seu toucador a chorar; no segundo dia estava inquieta, não quiz receber ninguem, nem mesmo Lestocq, que podia vê-la qualquer hora; ao terceiro começou a aborrecer-se e mudou de traje mais de dez vezes, despindo logo a seguir, colerica, os ricos vestidos. Ao quarto dia pela manhã sorriu-se pela primeira vez para a aia, ordenou que lhe sellassem um cavallo, e vestiu-se com o esmero d'uma casquilha que sae para fazer conquistas.

A cavallo, com o traje de amazona a modelar-lhe as formas esculpturais e com o gorro de cossaco, todos que a viam concordavam com o povo, que a denominava «A mais bella mulher da Russia». Sabia isso e não ficava menos orgulhosa que a rainha Flor Branca do conto de fadas. Com um olhar que provocava homenagens, com um semblante que despertava adorações, partiu a galopes do portão do palacio acompanhada só d'um servo.

Passou pelas principaes ruas da capital, sendo cumprimentada por todos, tanto nobres como plebeus; de quando em quando fixava o olhar n'um homem esvelto, não se importando com a posição nem com as vestes — o vulgar merceiro, o vendedor de bebidas, eram preferidos a um duque feio.

Ao approximar-se das margens do Neva esperou a montada e esta partiu veloz como uma setta; de repente rebentou-se-lhe a silha e a gran duqueza escorregou ficando suspensa da sella, com perigo de ser esmagada.

Antes da animosa mulher recuperar o sangue frio, um cavalleiro elegante agarrou-se ás redeas do cavallo, parou o corcel, apeou-se e tirou Isabel da incómoda posição. Livre, a gran duqueza, ficou durante algum tempo encostada ao peito d'elle. Não pensou na morte quasi certa, nem no terrivel lance de que escapára: o primeiro olhar foi para o seu varonil salvador.

Reconheceu no opportuno interventor o conde Lövenvolde, grande marechal da tsarina Anna, homem que até então pouco notara. Passou-lhe, como um reampago, pela idéa, que fôra favorito de sua mãe Catharina I, e n'este momento em que a sua cabeça se lhe apoiava ao peito encarou-o com curiosidade e achou-o bello e interessante.

Quando murmurou algumas palavras de reconhecimento estava o conde na sua frente, com o chapéo na mão, declarando-lhe quanto se sentia feliz por ter prestado um serviço á filha da nunca olvidada Catharina.

Ao mesmo tempo offereceu-lhe o cavallo, que a princeza aceitou com um amavel sorriso. Collocou o pequenino pé na mão que lhe estendia e d'um salto pulou para a sella.

— E o conde? — disse-lhe — tem de ir a pé? Não, tal não consinto. Monte o cavallo do meu cossaco e acompanhe-me.

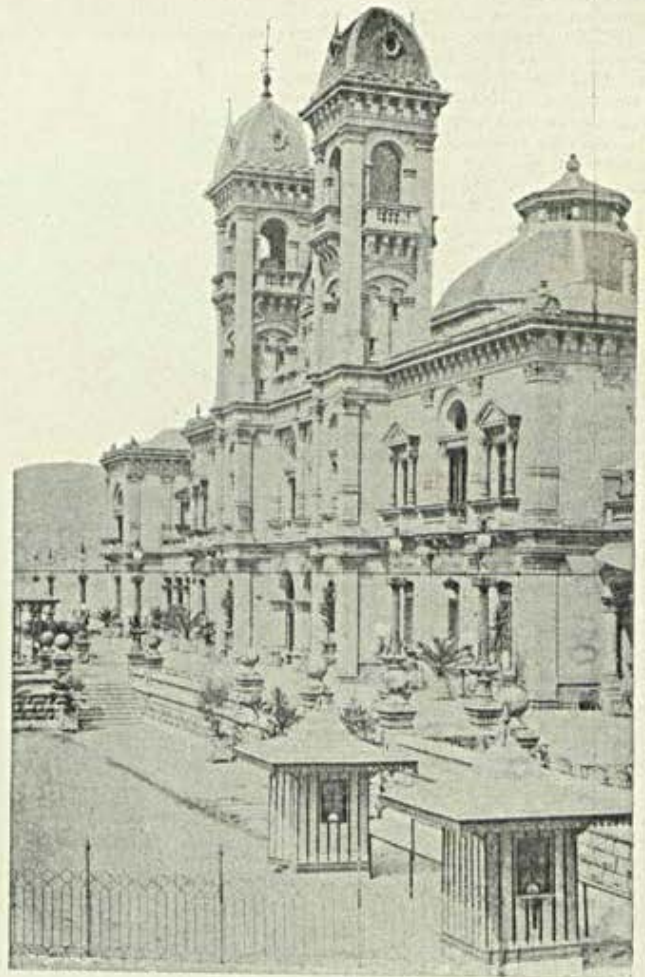
Lövenvolde curvou-se e obedeceu. O cossaco levou o cavallo da princeza á redea e esta e o conde cavalgaram. A formosa senhora escarranchou-se como um homem, e o que n'outra qualquer pareceria ridiculo tornava-se n'ella ainda mais adoravel.

Metteu o cavallo a passo para mais facilmente conversar com Lövenvolde. Quando chegaram em frente do palacio, disse-lhe Isabel estendendo a mão:

— Desejo vê-lo mais amiudadas vezes agora, conde. Percebe? Não accetto desculpas. O Estado e a côrte tem de ser postos de parte quando é necessario satisfazer a vontade d'uma dama — e pensava de si para si que era a mais bella mulher da Russia.

— O seu desejo é para mim uma ordem, Alteza! — respondeu o conde querendo beijar a delicada mão da princeza.

— Não — exclamou Isabel com o seu modo encantador, retirando o



San Sebastian — O casino

braço com vivacidade; depois tirou a luva e estendeu-lhe os esfuziados dedos. — Agora beije.

Lövenvolde, encantado com a amabilidade da gran-duqueza, depóz n'aquella pelle avelludada varios beijos, cumprimentou e partiu.

Isabel seguiu-o com a vista até o fim da rua, onde voltou e disse-lhe adeus com o lenço.

Depois tomou a cauda do vestido no braço e, saltando, entrou nos aposentos da sua confidente, dama de honor, senhora Kuriakof:

— Ah! Kathinka — exclamou — sou muito feliz, nem te posso dizer como sou feliz.

A senhora Kuriakof fitava a gran-duqueza sem falar.

— Estás admirada?! E' certo. Não podes comprehender como me



Biarritz — A grande praia

posso rir hoje depois de estar hontem zangada e de antes de hontem ter chorado tanto — declarou Isabel —; mas n'um momento tudo mudou e agradeço á tsarina e a Lestoeq por terem mandado Subin para a Siberia, estou certa que foi por conselho de Lestoeq. Encontrei um homem em comparação do qual Subin não vale nada: é um fidalgo da côrte de Luiz XIV; já o conhecia antes, mas só ha pouco é que o vi bem; falei-lhe e fiquei profundamente enamorada.

— Quem é o feliz mortal?

— O conde Lövenvolde.

— E ama-a tambem?

— Supponho-o, e comprehende-se — commentou Isabel remirando-se n'um espelho com delicia. — Não sou uma princeza? Não me chamam a mais bella mulher da Russia?

— Oh! Vossa Alteza é encantadora — respondeu a confidente — mas isso ainda não se pode afirmar.

— Não te smofines, Kathinka — recommendou rindo a princeza — antes d'uma semana cahirá Lövenvolde a meus pés como o amante de uma comedia franceza; hei de tortural-o sem misericordia para depois poder gosar a felicidade do nosso amor. Já sinto outra vez appetite; cantarei como uma ave na primavera e vestir-me-hei como uma deusa.

— As deusas não se vestem — retorquiu a senhora Kuriakof a rir.

— Tambem havemos de experimentar isso — exclamou Isabel. — Quando contemplo os quadros de Ticiano e Veronese, no palacio da tsarina, e depois examino as nossas damas com balões dá-me vontade de rir. A nossa côrte seria um triste Olympo, tendo a tsarina por ciumenta Juno.

— Vossa Alteza podia apparecer deante de Paris como a deusa do amor — declarou a confidente, admirando as bellas formas da gran-duqueza.

— Agora tudo pertence a esse homem irresistivel — suspirou Isabel. — Talvez já tivesse amado mais de cem mulheres, mas todas juntas não valiam tanto como eu. Ha de conhecer-me. Quero ser cruel pela primeira vez na minha vida.



Biarritz — Bankistas entrando n'agua

A gentil gran-duqueza esperava com a impaciencia d'uma joven enamorada a visita de Lövenvolde.

Passaram-se quatro dias em que Isabel o esperou com crescente ansiedade, porfim sempre appareceu.

Debalde a princeza empregou todos os artificios da garridice, de balde o fitou com ternura, o conde ficava impassivel, manifestando sempre um grande respeito.

Depois do titular sair Isabel disse para a sua confidente:

— E' muito triste ser princeza; todos quantos se approximam de nós petrificam-se com a etiqueta; nem ousam tocar-nos nas pontas dos dedos. A Lövenvolde faltou-lhe de todo a coragem, conversou commigo como se tratasse de negocios de Estado, pois eu bem o animei.

Passou-se outra semana sem que o conde voltasse. Era demasiado para uma mulher apaixonada e ainda mais para a caprichosa despota, filha de Pedro o Grande, que se habituara a ver realizados todos os seus desejos, custassem o que custassem. Resolveu-se portanto a cortar o nó gordio d'um só golpe.

Lövenvolde recebeu uma carta da senhora Kuriakof convidando o a visital-a n'esse dia.

Quando o conde chegou foi recebido pela confidente da princeza no seu pequeno toueador; a gran-duqueza escutava a conversa dos dois n'um aposento contiguo.

— Peço desculpa, conde — principiou a amorosa diplomata — de lhe tomar o tempo, mas confesso-lhe que morreria de curiosidade se não tivesse ensejo de conhecer o homem a quem minha ama estima tanto.

— A gran-duqueza falou-lhe de mim? — perguntou Lövenvolde impressionado com a allusão da camarista.

— Decerto — retorquiu a senhora Kuriakof — só pensa no senhor.

— E' proverbial a bondade da gran-duqueza — interrompeu Lövenvolde.

— Oh! não é bondade — acudiu a camarista — merece que o inve-



Biarritz — O Casino municipal da praia

jem, pois a bella princeza, filha do grande Pedro, fala de si a sonhar e acordada.

— Ah! graceja!

— Não me atreveria a tanto — respondeu a confidente para quem a situação se tornava embaraçosa. — Isabel tem tanto de entusiastica como de formosa.

— De facto, a gran-duqueza é lindissima — confirmou Lövenvolde.

A camarista respirou e o reposteiro moveu-se.

— Não ha duvida que é a mais bella mulher da Russia — acrescentou a senhora Kuriakof.

Lövenvolde encolheu os hombros e sorriu-se.

— Não está d'accordo commigo? — inquiriu a confidente quasi indignada. — Conhece outra que seja mais bonita?

— Conheço.

Isabel esteve para entrar no aposento, mas deteve-se e rasgou o lenço em bocados.

— Ah! gostava de conhecê-la — murmurou a dama de honor.

— E' a senhora de Lapuchin — informou o conde.

— Lembro-me agora — declarou a confidente. — A mulher do camarista Lapuchin. Vive muito retirada. Ovi celebrar a sua belleza, mas nunca a vi. Ama essa dama?

Lövenvolde sorriu-se e com esse sorriso terminou a entrevista.

Logo que o conde saiu do toueador entrou Isabel exaltadissima e começou a passear pelo aposento agitadoamente. Durante muito tempo não pôde proferir uma palavra, tão exacerbada estava por se ver desdenhada pelo homem com quem sonhara tantas venturas.

O infeliz Lövenvolde offendera sem querer no mais intimo da alma essa mulher despotica, onde não encontraria esquecimento nem perdão, porque lhe ferira a vaidade.

Havia na Russia uma mulher que possuia o coração do homem a quem amava e ainda por cima era mais formosa que ella. Desejava-a conhecer. Foi esse o seu primeiro pensamento; o segundo: vingar-se.

N'essa mesma tarde foi ao palacio da tzarina e procurou com toda a habilidade insinuar-se no espirito da fraca senhora, cantou-lhe deliciosas arias, e depois assentou-se-lhe aos pés, como de costume, e narrou-lhe anecdotas picantes da cõrte.

De subito pegou nas mãos da autocrata, cobriu-lh'as de beijos e exclamou:

— Has de conceder-me uma mercê.

— Que queres? — perguntou Anna, acariciando-a.

— Promette primeiro — insistiu a princeza — e dir-t'o-hei depois.

— Ah! queres o teu granadeiro?

— Não, não o quero!

— Então prometto fazer-te a vontade, pede o que quizeses — declarou a tzarina.

— Biron offerecer-nos-ha uma festa brilhante no palacio de gelo — principiou Isabel.

— Pois sim.

— Desejo que a senhora Lapuchin, que se retirou do convivio da cõrte, como uma vestal romana, assista a essa festa.

— E' difficil conseguir isso — respondeu Anna. — A senhora Lapuchin vive só para Lövenvolde, e corre que o conde a adora como a uma deusa; para o resto do mundo é como se estivesse morta.

— E' natural que resuscite se tu o ordenares.

— Julgas isso?

— Deste-me a tua palavra.

No Carnaval celebrou-se um brilhante sarau no palacio de gelo de Biron. Para que os convidados não sentissem frio foi-lhes indicado que trajassem á antiga moscovita, o que deu occasião ás senhoras e homens ostentarem a sua riqueza em joias e pelles.

A tzarina vestia de velludo verde com arminhos, e ia acompanhada de Biron, que trazia um fato com as mesmas côres. A gran-duqueza Isabel appareceu de velludo vermelho com pelles de rapoza azul; para seu cavalleiro foi escolhido o conde de Suvalof, o fidalgo mais varonil da cõrte da tzarina Anna.

A senhora Lapuchin, que pertencia á antiga aristocracia russa, então martyrisada por Biron, retirara-se da cõrte; ficou muito surprehendida quando recebeu ordem da tzarina para comparecer no baile offerecido por Biron. Não presumiu do caso coisa boa.

Aconselhou-se com Lövenvolde, mas o seu amigo não sabia mais que ella.

— Tens que obedecer — foi a sua resposta.

Entrou no baile, com o coração opprimido, pelo braço de Lövenvolde; os dois, vestidos com simplicidade, de velludo preto, orlado de zibellina. Este singelo vestuario no meio do fulgor dos brilhantes, rubis, topazios e côres vivas dos tecidos, ainda mais fazia sobressair a sua formosura, que attrahiu todos os olhares quando entrou.

A senhora Lapuchin era na realidade mais bonita que a gran-duqueza Isabel. Esta punha em realce a sua frescura e sensualidade majestosa; Lapuchin distinguia-se pelo seu porte gracioso e nobreza de espirito.

Quando foi apresentada á gran-duqueza, Isabel sentiu que fôra ofuscada pela sua rival, e só constringida dirigiu algumas palavras ceremoniosas á senhora Lapuchin, mas o coração fervia-lhe de odio.

A sua alma de mulher convenceu-se ainda que o homem a quem amava apaixonadamente não se tirava do lado d'esse ente detestado; todas as suas attenções eram para ella; para a filha de Pedro o Grande mal olhou.



Novos bairros de Lisboa — Avenida Fontes Pereira de Mello

A affronta era demasiado grave.

Quando Lövenvolde dançava com a sua amante uma *polaca*, correu o boato que a gran-duqueza se encontrara mal e saíra do baile.

O conde principiava a desconfiar do que succedera, e apesar de admirar a formosura da princeza não se arrependia de ter reagido contra o capricho de Isabel.

Ao mesmo tempo que no palacio de gelo os golphinhos e elephantes vomitavam jorros de naphta incendiada, que os fogos de artificio se misturavam com as musicas e com as salvas dos canhões d'agua solidificada, Isabel, no seu leito asiatico, presa d'uma terrivel insomnia, meditava nos meios de perder o homem que a desdenhara e a mulher que tinha a audácia de ser mais formosa que ella.

(Trad. E. Noronha).

SACHER MASOCH.



Novos bairros de Lisboa — O Alto do Pina



BIBLIOTECA INTERNACIONAL

O acontecimento sensacional da ultima quinzena foi, sem duvida, a entrevista do imperador Guilherme com o Tsar. Sem que cousa alguma tivesse transpirado, sem indicação alguma previa, reuniram-se os dois monarchas nas aguas do golfo da Finlândia, perto da ilha de Björkö, pela calada da noite, sem serem acompanhados pelos respectivos ministros responsaveis, e parece que fazendo proposadamente alarde do mysterio em que se envolviam. A *mise-en-scène* mais parecia apropriada para o encontro furtivo de dois conspiradores ou de dois salteadores vulgares, do que para a reunião dos chefes de duas grandes nações. Mas emfim n'este singular *travesti*, lá se reuniram e conferenciaram, no dizer dos correspondentes, até de madrugada. Que teriam elles dito a horas tão mortas, em que de ordinario o resto da humanidade se entrega ao somno reparador? Não se sabe e elles naturalmente não o dizem. Isto não obsta a que a imprensa europeia e americana se tenham esforçado por desvendarem o mysterio, que cerca de um espesso véo a entrevista de Björkö.

E em primeiro logar e como questão previa surge naturalmente a pergunta: quem tomou a iniciativa d'esta entrevista? O Kaiser ou o Tsar? E a inquirição não é ociosa, porque conforme a resposta, que se lhe dêr, assim o significado do encontro varia. Se a iniciativa pertence a Guilherme II, representa ella uma tentativa mais para dissolver a alliança franco-russa, que foi sempre o seu pezado, e que elle se esforçaria n'este caso por substituir por um convenio russo-alemão. Eventualmente ainda o passo dado por Guilherme II seria contra a Inglaterra, impedindo-a de se approximar da Russia, e portanto obrigando-a a permanecer isolada, secundando se assim n'outra direcção o golpe dirigido contra a *entente cordiale* pelo incidente de Marrocos.

Se pelo contrario a iniciativa foi do Tsar, a significação da conferencia é outra, sem deixar contudo de ser grave. Semelhante procedimento com effeito da parte de Nicolau II, no momento actual, denunciaria uma tal perturbação nas esferas governamentais russas, seria o symptoma de um tal abatimento de espirito nos directores da politica moscovita, que bem poderia dar-se como certa a queda immediata da autocracia e de todo o regimen, que n'ella se estriba. Qual d'estas duas hypotheses será a verdadeira?

Parece-nos fóra de toda a duvida a primeira, e vamos fundamentar a nossa opinião. O character dos dois monarchas, de resto, é o bastante para fixar desde logo as respectivas responsabilidades. Nicolau II é um fraco, um hesitante, um tímido, e nunca se abalançaria a semelhante passo, ainda que elle representasse um beneficio para a Russia, o que se nos afigura não ser o caso. O homem das resoluções extremas e ousadas, o impulsivo por excellencia em todos os seus actos é Guilherme II. Como poderá então deixar de se lhe attribuir a paternidade da entrevista de Björkö? E como se lembra alguém de suppôr que o Kaiser, tão pessoal e tão auctoritario, se prestaria a seguir docilmente o indicio Tsar, que só tem até hoje mostrado individualidade em não a ter? Guilherme II está prompto a ser alvo de todos os justos comentarios, que a entrevista do golfo da Finlândia provoca, mas por conta propria. Por conta alheia, é bastante sa-gaz para a tal se não expôr.

E depois se da consideração do character dos dois monarchas se passa ao exame de qual poderia ser o interesse politico d'um e d'outro em semelhante demonstração, chega-se ao convencimento de que só a Alemanha ganhou e de que só a Russia perdeu com a espectacular exhibição da conferencia dos dois chefes d'Estado.

Sobre que conversáram os dois imperadores? Tem se muito naturalmente supposto que foi sobre as proximas negociações de paz, e sobre o estado interno da Russia, porque a qualquer dos monarchas que pertença a iniciativa do encontro, eram estas as duas questões mais palpitantes da actualidade e extranho seria que nem a uma nem a outra se referissem os conferentes. E ainda que de facto estes dois pontos não houvessem sido o assumpto da conversa, todos na Russia e no resto da Europa acreditam que o foram, o que para as consequencias a deduzir do incidente é o mesmo absolutamente. De modo que Nicolau II está de antemão condemnado a não colher o fructo de qualquer determinação judiciousa, que a respeito d'estas duas questões o governo russo venha a tomar. Se se mostra intransigente na accettazione das condições apresentadas pelos japonezes para terminarem a guerra, e pretere continuar a combater mesmo sem esperanza de victoria, todos dirão que semelhante attitude lhe foi inspirada pelo Kaiser, assim como ao Kaiser attribuirão o procedimento opposto, se o Tsar se resignar a subscrever uma paz humilhante, mas inevitavel pela força das circumstancias. De identica fórma com relação á politica interior. Se Nicolau II se resolve por fim a dar satisfação ás aspirações da nação, se por fim consente em inaugurar a politica liberal que todos os patriotas d'elle reclamam, ninguém, depois da entrevista de Björkö, acreditará que elle o faça de motu proprio, mas todos apontarão Guilherme II como o inspirador d'essa politica; e d'essa maneira o Tsar não só perderá pessoalmente todos os beneficios da attitude liberal que vier a tomar, senão que soffrerá o desdouro e a censura por se ter humilhado a pedir a intervenção de um soberano estrangeiro na politica interna da Russia. Isto no

caso de se decidir pela politica liberal, porque se porventura se inclina de novo para a reacção, a nação jámais lhe perdoará o ter sido infiel ás suas promessas por suggestão allemã.

Por todas estas razões não póde a iniciativa do encontro dos dois soberanos ter partido do Tsar. Repugna semelhante passo ao character do imperador russo, e está em manifesta opposição com os seus proprios interesses e com os interesses da nação.

A iniciativa foi do imperador Guilherme, por mais que as gazetas officiosas do governo allemão se esforcem por fazer acreditar o contrario. Tudo o denuncia, a principiar pela *mise-en-scène* e a acabar pela occasião. *Mise-en-scène* espectacular, theatral, como só o Kaiser podia preparal-a. Occasião habilmente escolhida, para produzir no momento critico o maximo effeito desejado. Da reunião dos plenipotenciarios russos e japonezes, prestes a encontrarem-se sob o alto patronato official de Roosevelt, mas sob a real orientação da França e da Inglaterra, aliados respectivos dos dois contendores, tinha a Alemanha a recear um accordo que congraçasse, mercê dos bons officios de Londres e de Paris, as duas nações belligerantes, accordo em que entrariam tambem os dois paranyphos promotores da reconciliação. Seria o primeiro esboço de uma nova quadrupla alliança, de onde ficaria excluido o Kaiser.

O que era preciso fazer então? Semear a discordia entre a França e a Russia, já que não fóra possivel a proposito do incidente de Marrocos semeal-a entre a França e a Inglaterra, e impedir que a proxima conferencia de Portsmouth chegue a ajustar a paz. Ora a entrevista de Björkö é de molde a servir maravilhosamente qualquer d'estes intentos.

Mostrou ostensivamente á França, que o seu alliado póde n'um momento dado lançar-se nos braços da Alemanha; que com o governo de Berlim esse alliado mantem relações intimas e mais ou menos secretas; que na crise grave que atravessa elle se lembra de pedir conselho e porventura auxilio ao Kaiser de preferencia á nação amiga. E tudo isto que, como consequencia da entrevista de Björkö se deduz, quadra perfeitamente ás intenções da politica de Guilherme II. A França não ha-de vér com bons olhos semelhante approximação, e quaesquer que sejam as explicações que de S. Petersburgo tenham mandado para Paris, o facto persiste com toda a sua eloquencia, que attenuação alguma poderá amortecer. Sómente occorre perguntar, como é que o Tsar e os seus conselheiros se prestaram a semelhante jogo? Em todo o caso a semente da desconfiança lá fica, e n'esta hore critica da alliança franco-russa a acção dissolvente de semelhante fermento encontra o terreno preparado á maravilha para se desenvolver.

Sobre as negociações da paz não será menos sensivel o effeito da conferencia dos dois imperadores. Não sómente, segundo todas as probabilidades, terá o Tsar sido influenciado para se mostrar intransigente, fazendo assim fracassar a conferencia, mas a ingerencia verdadeira ou supposta do imperador Guilherme n'este assumpto fará nascer no espirito dos plenipotenciarios japonezes a desconfiança de que a Russia não vae sinceramente á conferencia mas apenas *pro-forma*, e ainda por este motivo o ajuste da paz se tornará difficil, senão impossivel. Ora quem lucra com a continuação da guerra? A Alemanha e mais ninguém; porque quanto mais a Russia estiver enfraquecida e impossibilitada de voltar as suas atencções para a Europa, maior será o predomínio do imperio allemão. O incidente de Marrocos foi a este respeito um bom aviso.

Assim, emquanto a nós, a entrevista de Björkö foi planeada, suggerida e levada a effeito por Guilherme II com o duplo fim de afastar a Russia da França e de impedir que por agora o Japão e a Russia cheguem a firmar a paz. N'ella não se tratou especialmente de assumpto algum. Provou-o a circumstancia de nenhum dos dois monarchas se ter feito acompanhar do respectivo ministro dos negocios estrangeiros. O que se quiz com a espectacular *mise en scène* e com o mysterio, de que rodearam o encontro, foi fazer impressão na gal-leria. Este effeito conseguiu-o o imperial executor d'estas theatras exhibições. O resto é apenas *bluff*. Os assumptos serios e graves da diplomacia tratam os as chancellarias. Os reis e os imperadores são *dilettantes*, que servem apenas para o effeito exterior de apparentar o que se quer fazer acreditar. Conseguido o fim que desejava de se-mear a desconfiança entre as duas nações da dupla alliança, e entre a Russia e o Japão, n'este momento supremo em que ambos tanto precisam ter confiança na lealdade um do outro, talvez a estas horas o Kaiser se esteja a rir no seu intimo do que o mundo supõe, que elle discutiu com o seu imperial visinho Quem com certeza deve estar muito admirado é o Tsar, que ha-de já ter cahido em si e comprehendido a situação em que se collocou para com a França e para com a propria Russia.

Morrer a valsar



Estamos no solar dos fidalgos de Santo Adrião, em dia d'annos da morgada, senhora quarentona, que á similhaça de seu marido, passa n'este mundo sem deixar de si lembrança de meia duzia de bagatellas para uma historia qualquer. Não é, pois, d'estes fidalgos que nos vamos occupar.

Esplende o solar de Santo Adrião, *todo por dentro e fóra illuminado*, sobranceiro ás veigas extensissimas, que se lhe deitam aos pés e que a primavera de 1867 começa a inflorar alegremente. Pela porta envidraçada, que abre sobre o terraço, espreitemos para a sala do baile e deliciemos olhos e ouvidos no vertiginoso revol-

lutar das valsas e nas ondulações da harmonia, que se espraia ao longo da casa e vão murmurando festivamente por essas pradarias além.

Está alli, no solar de Santo Adrião, a flôr da fidalguia beirôa. São muito para admirar as gentis valsistas, que se requebram nos braços dos garbosos morgados e passam no redemoinho da dança, toucadas de rosas e cobertas de perolas, que são as rosas do mar. Referve estrepitosa a valsa e, n'este momento, sahem para o terraço, de braço dado, conversando affavelmente, Affonso Briteiros e Jeronymo Valladares.

Escondamo-nos n'uma das sombras do terraço e prestamos ouvidos ao dialogo dos dois fidalgos beirões, dialogo que se me antolha interessante a julgar pelo espirito factico d'estes dois cavalheiros da provincia.

— Queres um charuto, primo Briteiros? — disse Jeronymo Valladares, puxando da charuteira de madreperola e abrindo-a diante do outro.

— Sabes que não fumo, primo Valladares, e que sou persistente nos meus habitos. Agradeço, mas não quero.

— Anda lá, homem, fuma. Uma noite de baile é uma noite de festa em que a gente deve despir a sua individualidade rotineira para remogar por algumas horas n'este jardim de suavissimas fragancias.

— Não quero, primo Valladares; positivamente não quero. Detesto o tabaco como detesto a valsa. Os pastores de Virgilio não fumavam e foi por isso que nenhum d'elles chegou a morrer... envenenado. Já houve um papa que lançou excommunhão a quem cheirasse tabaco nas igrejas e teve razão que farte. O uso do tabaco é um suicidio lento e seria crime imperdoavel o praticar-se em logar sagrado. Que de consequencias mortidas provenientes do uso do tabaco!

— Do uso, não, primo; do abuso. Eu fumo sobriamente e não me

— Queres dizer com isso que te sentes intellectualmente melhorado... Admiro a modestia, primo Valladares!

— Não faças espirito. Tenho contra mim o fumar pouco, bem vê. Senta-te e conversemos placidamente. Temos aqui á nossa disposição estes graciosos canapés de cortiça, que aformosentam elegantemente o terraço.

— Conversemos. Estou aqui bem melhor do que na sala. A valsa tem para mim o unico merecimento de me fazer dormir. É uma semsaboria que detesto. Nunca pude comprehender a delicia proveniente da valsa, este doidejar pernicioso, que se não juatifica de maneira alguma e que tem o cunho selvagem das bacchanas romanas.

— Não é tanto assim. Eu gosto da valsa, d'esse febricitante ondular de borboletas, que se espanejam ao longo das salas no turbilhão veloz. Gosto de valsar, primo Briteiros. A nossa alma é como o oceano, que nas marés gigantes, se não tem extensissimas areas por onde a bel-prazer se espreguice, inyeste arrogante contra as ribas escarpadas que se levantam aos ares diante d'elle. N'uma noite de festa parece que nos não cabe a alma dentro de nós: é o plenunio do enthusiasmo, do delirio. Então é que o mar dos nossos sentimentos trasborda e precisa d'espraiair-se. O corpo cede á influencia da vertigem do espi-



Um hight riger do Real Club Naval

rito. N'esses momentos de suprema felicidade é que a valsa é um doidejar sublime, um alar-se a gente para outros mundos, um borboletear alegre nas ondulações da harmonia. Ha naturezas tão delicadamente sensiveis, que se deixam arrastar pela vertigem da valsa até ao supremo canção, ao desfallecimento, á morte. Lembra-me contar-te agora a historia lamentosa d'uma valsista estrangeira.

— Conta lá, primo Valladares. Quero ver até onde chega o excesso do romanticismo lá por fóra. N'estes abençoados reinos de Portugal sei eu que ha muitas imaginações derrancadas pela leitura perniciosa d'uns certos livros resaibados de sabor nocivo, que, actualmente, se dizem — romanticos. — Do estrangeiro sei pouco a este respeito e acolho de boa sombra os teus informes. Conta lá...

— O que tu deves querer saber, primo Briteiros, é até onde nos pôde levar um temperamento perigoso. Deves saber isto, para que possas agradecer á Providencia uma fleugma inalteravel com que ella te quiz obsequiar. Ora ouve. Tu, primo Briteiros, que detestas as imaginações *romanticas* com uma pertinacia igual, n'este caso, á de D. Francisco Lobo, bispo de Vizeu, poderás comprehender o que será uma festa esplendorosa, onde as mulheres teem uma formosura etherea como os anjos e desmaiam na valsa até á pallidez marmorea das estatuas?

— Compreenderei.

— Muito bem. Amagina agora, se pôdes, uma d'essas mulheres formosissimas, que nós presentimos aproximar-se pelo fremito das saias e por uns olhares curiosos que de todos os lados a esperam, como as andorinhas e os rouxinoes esperam a chegada festiva da primavera. Imagina-a ainda vestida de côr de rosa, para que mais possa enganar os rouxinoes e as andorinhas da sala: — os namorados e as *coquettes*.

«Arredonda-lhe o seio e vela-lh'o com rendas finissimas de Bruxellas até onde não permittte o pudor que os olhos alcancem. Sobre o relevo das rendas, que estremeceem com o arquejar do seio, engasta



Clichés de A. Lima.

Um hight riger do Real Club Naval

sinto prejudicado com isso. Pelo contrario. Acho que o uso do tabaco facilita consideravelmente o desenvolvimento da faculdade pensante.

delicadamente uma camélia de Constantino, tão perfeita e rescendente, que pudera enganar as borboletas... Do relevo para cima, deixa o collo a descoberto para que os olhos, namorados de tamanha alvura, possam adivinhar o que anda recatado na espuma das rendas, o *quod intrinsecus latet*, dos *Canticos* de Salomão

«Polvilha finalmente as tranças doiradas com uma chuva de perolas, á similhaça das nereidas, essas creações esplendidas da poesia pagã. Agora envolve esta imagem etherea n'uma nuvem de sons e perfumes e fal-a apparecer no salão, recamado de flôres e coberto d'espeelhos, como o soldo estio que entra por uma floresta dentro, inundando-a de luz, d'alegria, de vida...

— Bellissimo! primo Valladares. Estou a pique de me entusiasmar pelos romanticos e pelo romanticismo...

— Ouve, primo Affonso. A nossa concepção é verdadeiramente um mytho e reúne á formosura etherea um temperamento delicadissimo. Dil-a las a sensitiva, que precisa de sol para viver. Abre, porém, o salão de baile, n'uma noite de festa, desencadeia o vendaval da harmonia, descerra as urnas dos mil perfumes orientaes, enche a casa de lumes e flôres, e deixa-a depois espanejar-se, a ella, á nossa visão, como borboleta que brinca, doidejando, entre os alecrins do canteiro.

«A valsa para ella é a felicidade suprema, o antegosto d'outra vida. Se tivesse duas azas brancas com que pudesse subir a conversar com as estrellas, não voaria mais, de certo, nem mais ligeira, nem mais tentadora. É uma valsista infatigavel como poucas e formosa como nenhuma.

«Aquí tens, primo Affonso Briteiros, a nossa imagem, como eu a sonhei e tal qual devia de ser. Nota que estamos na Austria...

— Na Austria, primo Valladares! Não estava prevenido para a viagem e confesso que me sobresalton a surpresa! Todavia, se as mulheres austriacas correspondem a esse ideal de belleza que tu sonhaste, vamo-nos lá nas muito boas horas, primo Jeronymo...

— É pois certo que estamos na Austria e n'um dos mais esplendidos bailes do mundo. Tem-se valsado perdidamente e interrompe-se agora a vertigem da dança, porque vai abrir-se a sala da ceia, uma sala deslumbrante onde parece dever servir-se o nectar dos banquetes olympicos. Referve nas taças doiradas o vinho generoso de Tokai. Reflecte-se nos mil crystaes da sala o brilho esplendoroso dos candelabros, que pendem dos florões do tecto em numero infinito.

«As mulheres chilream alegremente umas com as outras e os moços namorados segredam mysteriosamente ao ouvido da sua dama palavras amorosas.

«Começam a levantar-se da mesa os primeiros convidados e ou voltam á sala do baile, ou descem pela escada tapetada até ao atrio onde os está esperando a carruagem.

«A nossa fada ia a retirar-se depois da ceia, pelo braço do esposo, quando eccou de repente por toda a casa a musica voluptuosa d'uma valsa.

— Por que me não tinhas dito que era casada a heroína do teu conto, primo Valladares?



A igreja da Penha de França. — LISBOA

— Para qué? Dar-se-ia o caso de te haveres namorado d'esta visão seductora? Eis-te romantico, primo Briteiros, e o romanticismo aos trinta annos é uma molestia sem cura!

— Dize lá o resto.

— Continuaréi. A nossa gentil valsista não pôde resistir á tentação da musica e, soltando-se da capa d'arminhos em que se envolvia, deixou-se cair nos braços do cavalheiro, que a tinha convidado.

«Reaccendeu-se o enthusiasmo, o delirio, a loucura! As formosas austriacas, poisando os seus bouquets no marmore das mesas, atiravam-se, ebrias d'alegria ao marulhar da valsa, como a um oceano revolto. No momento porém em que a musica attingia a maxima celeridade, sentira o cavalheiro pender lhe mais languidamente nos braços a gentil valsista e, quando quiz continuar a acompanhar a vertigem da orchestra, tinha um cadaver abraçado. Vibrou em toda a sala um grito doloroso, que soltára o cavalheiro austriaco.

«Emmudeceu instantaneamente a tempestade sonora e affloiu á volta d'elle a gente que enchia o salão. Restame dizer-te agora que o esposo d'esta desventurosa dama, Teschenberg, director da *Gazeta de Vienna*, enlouquecera n'esse momento.

— Desçamos aos jardins, primo Valladares. A tua historia entristeceu-me e não me sinto com grande disposição de entrar na sala.

— Desçamos pois e fica de sobre-aviso para não zombares do romanticismo, quando te contarem historias como a da desventurosa esposa do director da *Gazeta de Vienna*.

— Pobre anjo, que morreu a valsar! — concluiu Affonso Briteiros.

1869

ALBERTO PIMENTEL.



Na lagôa do Campo Grande. — LISBOA

Todo aquelle que publica uma obra que não é mediocre, pode ficar certo que creou grande numero d'amigos e d'inimigos tambem, conhecidos ou desconhecidos.

RASTIGNAC.